

3. O GUARANI

Libreto de Antonio Scalvini, extraído do romance do mesmo nome, de José de Alencar.

Primeira representação: Milão, 19 de março de 1870.

A ação desenvolve-se pouco distante de Rio de Janeiro, às margens do rio Paquequer. Época: 1560.

Primeiro ato. A cena representa uma esplanada arborizada, frente ao castelo de Dom Antônio de Mariz, fidalgo português. Ao iniciar-se a ópera, vêm chegando numerosos caçadores trazendo suas presas, enquanto ainda se ouvem, ao longe, sons das buzinas de caça. Todos se felicitam pela excelente caçada, enquanto Dom Álvaro suporta, resignado e confiante, as irônicas indiretas de Gonzales, despeitado e ciumento, pois estando ambos apaixonados por Cecília, filha de Dom Antônio, receia Gonzales seja Dom Álvaro o preferido. Aparece no limiar do castelo Dom Antônio, seguido de alguns homens armados. Comprazendo-se pelo feliz regresso de seus hóspedes, conta-lhes a trágica aventura de Cecília, que quase fora raptada pelos índios aimorés quando se banhava no rio, e isto em represália pela morte de uma menina de sua tribo, que havia sido baleada por engano, durante uma caçada. Todos lamentam o perigo que ameaçou a filha do fidalgo e muito se admiram ao saberem que fora um outro selvagem, da tribo dos guaranis, quem a salvou. Dom Antônio chega ao limiar da floresta e chama alguém que lá deve ter se ocultado; é quando aparece o índio Peri, armado de arco e flecha e com a indumentária especial que o distingue dos índios das outras tribos. Todos procuram agradá-lo, felicitando-o pela bela ação de ter salvo a vida de Cecília, e Dom Antônio não hesita em chamá-lo de irmão. Peri identifica-se como sendo filho de um cacique, portanto, de um soberano em sua tribo. Ouve-se a voz de Cecília, vinda de seus aposentos e pouco depois ela própria surge na esplanada do castelo, acompanhada por suas aias. Grande regozijo de todos por vê-la salva. Dom Antônio designa-lhe Dom Álvaro como seu futuro esposo. Cecília empalidece, constrangida, pois não sente nenhum amor pelo jovem, mas responde que está pronta a atender à vontade paterna. Entardece. Os sinos tocam a "Ave Maria" e todos se ajoelham entoando a prece à Virgem. Peri observa de longe a oração dos brancos e permanece respeitosa até findar a prece.

Gonzales, aventureiro e traidor, pretendia de há muito aproveitar-se da generosa hospitalidade de Dom Antônio para seus fins criminosos e, depois da reza, marca um encontro com dois outros aventureiros espanhóis, Ruy Bento e Alonso, na "Gruta do Selvagem", ao cair da noite. Peri, que tudo ouve, propõe-se logo denunciar a traição. Dom Antônio e os demais, menos naturalmente Peri e os três espanhóis, entram no castelo, pois já se faz noite. Cecília chama o índio perguntando-lhe a razão de já ir

embora. Peri responde que tem necessidade de ocupar-se de uma traição, que está ameaçando o seu benfeitor e ela própria. Cecília roga-lhe que avise seu pai. Ambos se enternecem e sem saber, em sua inocência, declaram-se amor num angustioso adeus.

Segundo ato. Consta de três quadros. O primeiro mostra-nos a "Gruta do selvagem". É noite escura. Peri entra, sozinho, arrastando-se por entre espesso matagal, e pára atrás de grossa árvore abatida, que lhe serve de esconderijo. De lá, após ter proclamado a soberania de seu berço de cacique, ele assiste à conspiração dos três aventureiros, que planejam aniquilar os habitantes do castelo, aponderando-se de todos os valores nele existentes. Gonzales só deseja poupar Cecília, a quem ama, e proclama raptá-la. Peri ouve tudo e, correndo então para prevenir Dom Antônio do perigo que o ameaça, dá a perceber a sua presença. Gonzales, em conversa com Peri, simuladamente promete renunciar ao seu criminoso projeto.

O segundo quadro passa-se na "Taberna dos Aventureiros", com mesas e bancos toscos, canecas e cântaros com vinho. Ruy e Alonso chegam e contam aos outros cúmplices o ocorrido na floresta, quando sobrem Gonzales, que declara haver desviado a intenção de Peri de avisar Dom Antônio. Assim, poderão agir com toda a segurança.

O terceiro quadro mostra-nos a alcova de Cecília. A jovem, sozinha, contempla a beleza da noite de luar e depois canta uma "ballata", acompanhando-se ao violão: "C'era una volta un principe..." Deita-se logo a seguir, adormecendo logo. Após curto silêncio, Gonzales, furtivamente, transpõe a janela e penetra no quarto com a evidente intenção de raptar Cecília. Esta desperta, assustada, e repele com indignação o ousado aventureiro. Gonzales insiste com violência. Quando está para agarrá-la, arrastando-a consigo, entra pela janela uma flecha que o fere na mão. Gonzales corre para a janela e dispara um tiro a esmo, para amedrontar o agressor, enquanto Cecília, observando a flecha, reconhece nas penas as cores de Peri. O tiro de Gonzales, todavia, acordou os moradores do castelo, que entram alvoroçados no quarto de Cecília, demonstrando grande surpresa de ali encontrar o aventureiro espanhol. Cecília atira-se nos braços do pai, que exige uma explicação da presença de Gonzales e dos outros aventureiros no quarto da filha. Peri, que aparece de pé, na sacada da janela, aponta Gonzales como sendo o chefe dos traidores. Este procura desmentir-lo, mas Peri aproxima-se e mostra a todos a mão do aventureiro, ferida por sua própria flecha. Grande indignação de todos, principalmente de Dom Antônio, que lamenta ter sido traído na sua amigável hospitalidade. Ouve-se subitamente um estranho rumor vindo dos jardins e o som de instrumentos que aterrorizam a todos. Entra Pedro, o mordomo, anunciando, ofegante, estar o castelo sitiado pelos aimorés, que reclamam vingança pela morte involuntária da jovem índia de sua tribo. Todos, ante o perigo comum, juram fidelidade na defesa do castelo ameaçado e saem empunhando armas, enquanto Cecília, de joelhos, implora a proteção divina.

O **terceiro ato** passa-se na taba dos aimorés, no limiar da floresta, donde se avista, ao longe, o castelo de Dom Antônio. À direita, a tenda do cacique; doutro lado da cena, aos pés de um jequitibá, está Cecília prisioneira. Alguns selvagens a guardam. Os índios aimorés comentam o combate do dia anterior contra os portugueses do castelo. Todos, indignados, proferem ameaças e planos de vingança, quando se ouve um som retumbante que os faz calar e retirar-se, deixando o passo livre ante a tenda do cacique. Este aparece empunhando o tacape. Cobrem-no duas peles de onça, formando manto, e ostenta muitos outros paramentos. Seu aspecto é ao mesmo tempo majestoso e feroz. Redobra as imprecações de toda a sua tribo contra os odiados portugueses, mas quer ver de perto a prisioneira. Fica admirado ante a beleza de Cecília e, já enternecido, confessa-lhe o quanto o seu aspecto o perturba, dizendo-lhe que não mais será ela escrava e sim rainha e absoluta soberana de toda a tribo ! Os índios, ouvindo tais palavras, mostram-se indignados e querem matá-la. O cacique defende-a energeticamente, quando entra um grupo de aimorés trazendo Peri prisioneiro, já desarmado, apenas com o arco suspenso às costas. O cacique, surpreso, reconhecendo em Peri o índio guarani, amigo do odiado português, indaga quem tivera a honra de vencer aquele herói da floresta. Respondem-lhe que ninguém o poderia ter capturado, não fora o seu destino ingrato que o fez cair extenuado. Cecília compreende logo que ele se entregou voluntariamente só para ter oportunidade de vê-la outra vez. O cacique quer saber a causa de sua rendição. Peri retruca com altivez que fora apenas o desejo de o matar em sua própria taba, pelo que o aimoré, furioso, responde-lhe que será degolado ali mesmo. Os índios precipitam-se sobre Peri, mas o cacique se interpõe, ordenando seja antes celebrado o grande cerimonial que precede a morte do inimigo.

Tem início o característico bailado e todo o ritual próprio da tribo. Durante a cerimônia, Peri e Cecília exprimem seus desencontrados sentimentos, quando o cacique dá as ordens para que cessem as exéquias e diz a Cecília que, conforme hábito dos aimorés, ele deverá conceder ao prisioneiro uma suprema hora de amor antes de sua morte; e retira-se com todos, advertindo, porém, que ficará vigiando de longe para impedir a fuga dos dois prisioneiros. Apenas a sós, Cecília corre a desatar as cordas que prendem Peri, pedindo-lhe notícias do pai. Dom Antônio está salvo. Cheia de júbilo, Cecília só se preocupa então com a sorte de Peri. Os dois, desvairados pela idéia da morte iminente e inevitável, declaram-se intenso amor. Peri não cede ao insistente apelo de Cecília, que o incita a fugir. Ele responde que, tendo tomado poderoso veneno, o seu corpo, devorado pelos índios, trará morte certa a toda a tribo aimoré, libertando assim a sua adorada Cecília e dom Antônio Mariz da ameaça dos bárbaros selvagens. Cecília desespera-se, e enquanto os dois apaixonados ainda trocam juras de amor, os aimorés, ansiosos pela morte de Peri, já fazem ouvir seus gritos de impaciência.

Reentra em cena o cacique, sôfrego de sangue e morte; mas, ainda uma vez detém os índios, dizendo que só por sua própria mão será golpeado o prisioneiro de honra e que, antes disso, é mister invocar Tupã, o deus dos aimorés e a ele oferecer a vítima. Segue-se o magistral “concertante” e a invocação ao deus dos aimorés. Todos, menos o cacique, Peri e Cecília, ajoelham-se, implorando as bênçãos de seus deuses. Apenas finda a invocação, Peri, orgulhosamente apresenta seu peito ao cacique e aos aimorés, esperando o golpe de morte, quando se ouve um forte tiroeio e todos permanecem estarecidos, com medo, a ponto de sustarem a morte de Peri. São os portugueses do castelo, com Dom Antônio e Dom Álvaro à frente, que invadem a taba dos aimorés, num assalto de extermínio, que os subjuga completamente. O cacique cai morto e Cecília atira-se nos braços do pai. Peri, rapidamente, toma um contraveneno e também se une aos portugueses para matar e perseguir os indígenas, que ainda tentam reagir com arcos e flechas.

O **quarto ato** transcorre numa das dependências subterrâneas do castelo de D. Antônio Mariz. A iluminação vem apenas duma tocha colocada numa pilastra. A um canto, acham-se colocados diversos barris de pólvora. Os dois aventureiros espanhóis, Ruy e Alonso, esperam por Gonzales, que chega dentro de instantes para lhes relatar os últimos acontecimentos e combinar novas traições e assaltos. Seu desejo maior é aniquilar D. Antônio, D. Álvaro e Peri e raptar Cecília. Os demais aventureiros hesitam um pouco, mas prometem coadjuv-lo em sua nova tentativa de assassinio e com ele se dirigem para a porta do fundo com a intenção de penetrar nos aposentos superiores do castelo e perpetrar o novo crime. D. Antônio, porém, surge inesperadamente, com seu fiel Pedro, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, pois ele só bastará para punir os traidores.

Os aventureiros fogem, escondendo-se em algum outro recanto do subterrâneo, enquanto aparece Peri, que entra pelo fundo da cena. Regozijando-se por vê-lo ainda vivo, apesar do veneno que sabia ter ele tomado, D. Antônio aconselha-o a fugir sem demora, pois sabe que o castelo está cercado por outros aimorés que vieram reforçar os que haviam sido desbaratados no dia anterior; e que também, não podendo vencer a traição dos aventureiros que ainda se acham sob seu teto, tomou a resolução de destruir o castelo para ter uma morte honrada com toda a sua família.

Peri oferece-se para lutar e resistir com D. Antônio, mas como este recusa, o índio propõe-lhe então salvar ao menos Cecília. Peri conta-lhe que preparou uma ponte de fibras suspensa sobre o fosso atrás do castelo e que somente ele seria capaz de atravessá-la com Cecília. D. Antônio, embaraçado, responde que só não lhe pode confiar a filha em tão desesperada situação, por não professar o índio a mesma fé cristã dos portugueses. Peri imediatamente pede a D. Antônio que o batize, pois está

pronto a adorar o mesmo Deus de Cecília. O índio ajoelha-se ante o velho fidalgo e recebe o sacramento do batismo, beijando respeitosamente a cruz da espada de D. Antônio, que este lhe apresenta como símbolo sagrado. Apenas finda a comovedora cerimônia, entra Cecília, muito aflita, em busca do pai e ciente de que havia chegado também sua última hora. D. Antônio, porém, lhe comunica que Deus a quer salva e, apontando-lhe o fiel Peri, explica-lhe que com ele poderá deixar o castelo para ser levada junto de seus parentes no Rio de Janeiro. Cecília não quer separar-se do pai e insiste em ficar para com ele morrer; mas este ordena a Peri que a leve incontinentemente. Cecília, desesperada, desmaia. D. Antônio beija-a carinhosamente e a entrega a Peri, ordenando-lhe saísse o mais depressa possível. O índio diz ainda um último adeus ao nobre fidalgo e parte rapidamente levando Cecília.

Entram logo em seguida os aventureiros traidores, com Gonzales à frente, o qual, vendo a fuga de Peri e Cecília, quer perseguí-los. D. Antônio interpõe-se e coloca-se, ameaçador, ante a porta por onde fugiram o índio e a filha. Gonzales investe contra ele de espada em punho, enquanto D. Antônio, rapidamente, apanhando a tocha que iluminava o subterrâneo, atea fogo aos barris de pólvora, provocando uma tremenda explosão e o desmoronamento do castelo. Ele próprio e os aventureiros que o cercam caem mortos, enquanto que no fundo da cena se descortina o panorama dos arredores do castelo. Vê-se o campo dos aimorés ao longe e, mais perto, uma colina na qual Cecília cai de joelhos ao ver o desmoronamento do castelo. Peri procura ampará-la carinhosamente mostrando-lhe o céu.

*

4. FOSCA

Libreto de Antonio Ghislanzoni.

Primeira representação: 16 de fevereiro de 1873.

A ação se desenrola em meados do século X, em Veneza e nas costas da Istria. O 1º ato tem como cenário uma pequena enseada nas costas da Istria, ao amanhecer. É um esconderijo de corsários, que entram carregando fardos de mercadorias roubadas em suas pilhagens. Após animados comentários dos corsários que se regozijam com as últimas aventuras, entra Gaiolo que lhes comunica que a próxima investida será em Veneza, no dia da “Festa das Marias”, quando, de acordo com um velho costume, deverão celebrar-se diversos casamentos da Igreja de São Pedro do Castelo. Gaiolo pretende invadir a igreja com seus corsários disfarçados e, durante a cerimônia nupcial, raptar as noivas ricas e retê-las como reféns a serem